

## A aquisição da variabilidade de ordem dos pronomes possessivos por crianças em PB

## The acquisition of possessive pronouns order variability by children in BP

### RESUMO

Pâmela Juliana Nogarotto  
[pamelanogarotto@gmail.com](mailto:pamelanogarotto@gmail.com)  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Cristina de Souza Prim  
[cristinaprim@utfpr.edu.br](mailto:cristinaprim@utfpr.edu.br)  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Este trabalho discute a aquisição sintática dos pronomes possessivos em crianças falantes de PB apoiado em uma perspectiva gerativista. Esta pesquisa se justifica pela variabilidade de ordem dos pronomes possessivos, que podem aparecer na sentença pré ou pós-nominalmente, e ainda em forma genitiva e predicativa. Após consulta à literatura, que indica que a aquisição da categoria se inicia com a forma predicativa e posposta, notou-se a necessidade de expandir a análise dos dados com a transcrição de 5 crianças. A partir da análise desses dados, constatou-se que parece haver de fato uma preferência pelo início de produções dos possessivos pospostos e em forma predicativa, mas dada a limitação da análise de dados transcritos, constatou-se a necessidade da criação e aplicação de testes. Estes, no entanto, não aconteceram devido à pandemia do COVID-19. Mesmo sem a conclusão esperada, essa pesquisa indica um caminho fértil para a investigação da aquisição da variabilidade de ordem em PB.

**Recebido:** 19 ago. 2020.

**Aprovado:** 01 out. 2020.

**Direito autoral:** Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de linguagem. Pronomes possessivos. Sintaxe gerativa.

### ABSTRACT

In this work we discuss the syntactic acquisition of possessive pronouns in Brazilian Portuguese speaking children, supported by a generativist perspective. This research justifies itself by the variability in the order of possessive pronouns, which may appear in a sentence pre or post nominally, even in genitive and predicative forms. After consultation with the already existing literature, that indicates that the acquisition of the category begins with the predicative form and with the postponed possessives, we felt the need of expanding the data analysis utilizing the audio transcription of 5 children. Through the analysis of this data it's apparent that there is in fact a predilection for a start in postponed possessives and for the predicative form, though the need for the creation of new tests and methods was felt. However, these could not begin because of the COVID-19 pandemic. Even without it's hoped for conclusion, this research indicates a fertile path for the investigation of variability acquisition of order in BP.

**KEYWORDS:** Language acquisition. Possessive pronouns. Generative syntax.



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está cadastrada no Programa Institucional de Voluntariado em Iniciação Científica e Tecnológica (PIVICT 2019/2020) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba (UTFPR-CT) no âmbito de pesquisas em Aquisição de Linguagem. Determinou-se como objetivo a compreensão do processo da aquisição sintática dos pronomes possessivos em crianças falantes de PB na perspectiva gerativista, uma vez que se trata de uma categoria com posicionamento variável: pré ou pós nominal (“minha boneca” e “boneca minha”), e ainda na forma genitiva (“boneca dela”) e predicativa (“boneca é dela”). Encontramos na literatura a defesa de que a categoria dos possessivos aparece nas produções infantis, inicialmente, em posição pós-nominal e predicativa, e investigamos em produções espontâneas infantis se tínhamos evidências desse comportamento em dados de produção espontânea de cinco crianças.

## MATERIAL E MÉTODOS

No momento de concepção do projeto de pesquisa, o cronograma foi pensado da seguinte maneira: inicialmente, pretendeu-se a leitura de textos teóricos; depois, entendeu-se a necessidade de lançar um olhar para os dados espontâneos (transcritos); e em seguida tínhamos em mente a ideia de elaborar e aplicar em escolas testes com crianças em fase de aquisição de linguagem que pudessem corroborar ou não com a hipótese encontrada na literatura e delimitada pela observação de dados transcritos. Posteriormente, planejou-se analisar os dados encontrados e, por fim, socializar os resultados. Entretanto, devido à pandemia e a impossibilidade de aplicação da pesquisa de campo, o percurso precisou ser repensado.

A pesquisa iniciou-se, então, com a leitura de textos teóricos sobre aquisição da posição dos pronomes possessivos em português brasileiro (CERQUEIRA, 1999; FARIA, 2012; FARIA & NAME, 2009). Em seguida, analisou-se dados transcritos de crianças em processo de aquisição de linguagem para mapeamento inicial do momento em que os pronomes possessivos começam a aparecer na produção infantil, qual posicionamento ocupam e qual forma assumem.

As últimas etapas previstas – a elaboração de testes e a sua aplicação com crianças, bem como a comparação de tais resultados ao que é encontrado na literatura – foram comprometidas devido à pandemia do COVID-19. Ainda assim, a revisão bibliográfica e a análise de dados da fala espontânea de crianças realizados durante esta pesquisa apontam para uma possível resposta à pergunta motivadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tomou-se como embasamento teórico estudos sobre aspectos relevantes dos possessivos em português brasileiro, bem como o processo de aquisição dessa categoria (CERQUEIRA, 1999; FARIA, 2012; FARIA & NAME, 2009). Cerqueira investiga apenas uma criança no período de 1 ano, 8 meses e 25 dias (1;8.25) a 1 ano, dez meses e 23 dias (1;10.23), o que demonstrou a necessidade de expansão dos dados observacionais. Para isso, analisamos os dados de outras cinco crianças em processo aquisição de língua.

Em português brasileiro, os possessivos aparecem em posição pré ou pós-nominal (para exemplificar: “meu filho” e “filho meu”, respectivamente). Para Faria (2012), os possessivos recebem uma classificação insatisfatória pela literatura especializada, até mesmo reducionista, e por isso a autora debruça-se a explorá-la, uma vez que considera que tal categorização é questão importante para o estudo da aquisição dos possessivos. Uma solução possível, propõe ela, é assumir uma classificação em que se entende o pronome possessivo anteposto ao nome como possessivo determinante e o posposto como possessivo adjetivo. Consequentemente, podemos analisá-los como item funcional ou lexical, a depender da posição que ocupam na sentença. Faria (2012, p.16) pondera dizendo que os possessivos adjetivos, “em um continuum, [podem ser] considerados como itens semifuncionais, ressaltando que tal terminologia diz respeito a itens funcionais que trazem certas características lexicais, e o genitivo, como uma construção lexical adjuntiva”. Nesta citação vemos que os possessivos na forma genitiva (por exemplo, “filho dele”) também devem ser considerados nesta pesquisa. A autora, por fim, acrescenta que posse também se manifesta na posição predicativa (“é [do] neném”), mas neste caso a posse não está adjunta ao nome.

Assim, os possessivos “[q]uando usados pronominalmente, são tratados como determinantes e por isso ocupam o núcleo do DP. Os pós-nominais podem aparecer tanto em um DP quanto em um PP” (FARIA & NAME, 2009, p. 3387), devido à sua manifestação também na forma genitiva. Esta forma genitiva, pós-nominal, é própria da terceira pessoa na gramática dos adultos.

Para deixar mais clara essa relação do contexto sintático dos possessivos às características semânticas, trazemos os exemplos de Faria (2012):

1. Possessivo anteposto não acompanhado de determinante(s):

[+ determinante] [- adjetivo]

(1) **Meu** filho não pratica esportes radicais.

2. Possessivo anteposto acompanhado de determinante(s):

[+ determinante] [+ adjetivo]

(2) O **meu** filho não pratica esportes radicais.

3. Possessivo posposto pronominal ou genitivo:

[- determinante] [+ adjetivo]

(3) Filho **meu** não pratica esportes radicais.

Ao que se trata do processo de aquisição de língua, Faria ressalta que os possessivos aparecem surpreendentemente cedo na produção das crianças quando comparado a outros itens determinantes, segundo dados de estudos anteriores (Faria, 2005, 2006).

Em seus testes, Faria (2012) testou se as crianças reconheciam as propriedades fônicas dos possessivos a partir de um teste de Olhar Preferencial com possessivos e pseudopossessivos (criações foneticamente semelhantes aos possessivos reais). A partir do teste, a autora identificou que crianças brasileiras de 11 meses “percebem a diferença entre possessivos e pseudopossessivos, mesmo sendo estes foneticamente semelhantes, o que sugere que são sensíveis às propriedades fônicas do pronome possessivo em PB” (FARIA, 2012, p. 69). A partir de um teste com 9 crianças entre 3 e 4 anos, com a média de 3;6 anos, Faria identificou que aos 3 anos de idade as crianças “identifica[m] e relaciona[m] o pronome possessivo a uma construção genitiva correspondente, sendo o traço de posse uma informação importante nessa tarefa” (FARIA, 2012, p. 78) e, finalmente, em torno dos 3 anos e 7 meses, que as crianças “percebe[m] a diferença quanto ao posicionamento estrutural de possessivos e adjetivos antepostos ao nome, o que sugere que são sensíveis aos aspectos sintáticos do possessivo no PB” (FARIA, 2012, p. 87).

Ainda em análise de dados, Faria & Name identificam que os possessivos aparecem na forma genitiva em um momento inicial, como em “é neném” e “é meu”, momento em que o possessivo aparece predominantemente na posição predicativa; em uma segunda etapa, há “incongruência ou subespecificação de gênero nas produções possessivas pronominais (‘minha carro’, ‘meu bola’, ‘casa mi’); e, por fim, produzem ambas as formas possessivas – genitivas e pronominais – efetivamente” (FARIA & NAME, 2009, p. 3388).

Em “Aquisição de possessivos”, Cerqueira analisa os seguintes dados transcritos de um estudo longitudinal da criança Raquel (da idade 1;8;25), na Fase 1, que apresenta os possessivos em primeira, segunda e terceira pessoa (*minha, sua e dela*):

(4) M- O sapato dela, né?

R- A papati dela (simultaneamente com a mãe)

(5) M- E o seu peitinho?

R- Minha?

(6) R- Nenê sua aí

M- Nenê sua?

Para o autor, as produções da criança não são repetições da fala da mãe porque suas falas respondem ou confirmam pedidos de informações. Na fase 2, Raquel (1;10.23) usa os possessivos (meu/minha, seu/sua) em posição pré-nominal.

(7) R- A minha fóida

M- A sua “fóida”?

Cerqueira aponta que a criança começa a usar os possessivos em posição pós-nominal para então, em uma segunda fase, utilizá-los pré-nominalmente, como um espelhamento do paradigma distributivo dos possessivos entre falantes adultos.

Visto que a pesquisa de Cerqueira foi realizada com base em dados de apenas uma criança, analisou-se dados transcritos de cinco crianças em processo de aquisição de linguagem para que o argumento do autor pudesse ser reforçado ou não por um número maior de dados. Para isso, foram selecionados estudos longitudinais de arquivos digitalizados pertencentes ao CEAAL/PUC-RS e ao Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Unicamp, cedidos pela professora Ruth Vasconcellos Lopes, da Unicamp. Os dados são das crianças ANA, RAQ, GAB, L e TIA. Antes do início dessa análise, faz-se necessário ressaltar sua limitação: é possível que certa produção não apareça nas gravações e, no entanto, esteja presente na fala da criança. Por isso, essa análise acontece como um norte, mas somente a aplicação de um teste específico poderia embasar afirmações e conclusões.

Nos dados transcritos de ANA, é na idade de 1 ano, 8 meses e 12 dias (1;8;12) que localizamos a primeira ocorrência (registrada) da produção de um pronome possessivo. Trata-se de um pronome possessivo em primeira pessoa **meu**, em posição pré-nominal, em um diálogo iniciado pela pesquisadora Gil:

(8) GIL: de quem é esse chapéu?

ANA: xx.

GIL: não entendi.

GIL: de quem?

ANA: meu chapéu de paiaço [\*]

Não há indícios de que a produção **meu** seja mera repetição da fala de Gil, uma vez que esta não utiliza pronomes possessivos em sua pergunta. Quando Ana responde que o chapéu é dela, e este, de fato, o é, a criança sinaliza entender a caracterização de posse que a palavra **meu** representa.

Nas transcrições de RAQ (1;8;25) encontramos, inicialmente, a produção do pronome possessivo em terceira pessoa, **sua**, em posição pós-nominal, assim como em primeira pessoa, **minha**, sem posição marcada:

(9) RAQ: nenê sua aí.

MÃE: nenê sua?

(10)MÃE: E o seu peitinho?

RAQ: Minha?

Assim como ANA, RAQ parece entender a carga de posse que a palavra **sua** carrega ao indicar à mãe o “nenê” que é desta (9). Além disso, ao responder a mãe sobre o seu “peitinho”, mostra domínio da ideia do que é sua posse e o que é posse do outro. Os dados das outras crianças, também, evidenciam produções em situações que não caracterizam repetição do que o adulto estava perguntando, isso é, sensíveis ao caráter de possuidor e posse do contexto comunicativo:

Nos dados de GAB (1:10;21), inicialmente, identificamos a forma genitiva **de mim** (11). Aos 2;1.27, identificamos o genitivo **dela** (12). É somente cinco meses depois do registro da forma predicativa, aos 2:3;17, que aparece o uso do possessivo em primeira pessoa **meu** e **minha**, pré-nominal (13):

(11) CAR: toma uma aguinha ali ó, a Tatá vai te dar.

\*OUT: o canudinho.

\*GAB: olha o t(r)ator [\*] <de mim> [\*].

(12) \*GIL: que que é isso aqui?

\*GAB: o sapato [\*] **dela**.

\*GIL: o sapato **dela**.

(13) GAB: é um nivesário (\*) do **meu** xx.

GIL: é uma lembrança de Tele Tabies?

OUT: é de um aniversário que ela foi xx

Os dados de Gabriela parecem indicar, em um primeiro momento, no uso da forma genitiva, certa sensibilidade semântica à marca de posse.

Nos dados de L (1:9;21), a primeira ocorrência registrada é do possessivo em primeira pessoa **minha**, em posição pré-nominal, assim como nos dados de TIA (2:8;17), a ocorrência do possessivo é em primeira pessoa, **meu**, pré-nominal:

(14) MOT: aí você # toca [/] toca a mão.

MOT: (vo)cê já (es)tá pegando.

L: toca minha mão.

MOT: é a sua mão.

(15) MAE: mostra pra titia Rosa.

TIA: rosa.

TIA: o meu tênis.

Como dito anteriormente, entende-se a limitação que essas transcrições possuem. Nos dados de Tiago, por exemplo, é só aos 2;8;17 que identificamos uma produção de possessivo, quando a literatura aponta que a essa idade a criança já adquiriu a sintaxe da categoria. Por sua vez, os dados de Ana Clara contaram com produções dos possessivos em posição pré-nominal, indo de encontro ao pressuposto pela literatura.

Esses dados nos fazem defender, em consonância ao trabalho de Cerqueira (1999), uma estrutura sintática em que os possessivos são gerados em uma posição baixa na estrutura, pós-nominal, e que sua ocorrência na posição pré-nominal é fruto de movimento, adquirido pela criança no momento em que surge na sua gramática a categoria funcional na qual o possessivo movido possa pousar.

### CONCLUSÃO

Como explorado, os possessivos possuem um complexo comportamento sintático e semântico: primeiro, por sua natureza de variabilidade de posicionamento na sentença, em posição anteposta ou posposta – nesse caso, em forma genitiva e predicativa. Segundo, por apresentar o traço de posse, diferentemente de outros determinantes. Ainda assim, a categoria é encontrada precocemente nas produções das crianças.

Nosso maior interesse, então, era entender como se dá a aquisição dessa variabilidade. Segundo referências teóricas aqui expostas, na primeira fase “o possessivo aparece predominantemente na posição predicativa” (FARIA & NAME, 2009, p. 3388). Para Cerqueira (1999), a primeira fase se caracteriza pela produção em posição pós-nominal. Por este motivo, buscamos analisar transcrições de crianças em processo de aquisição para verificar as primeiras produções de possessivo registradas, e em que forma e posição elas ocorrem. Pode-se entender que parece haver mesmo um momento inicial com sensibilidade semântica à marca de posse em que as crianças começam a produzir os possessivos pós-nominalmente (predicativos e genitivos), para então, em um segundo momento, usarem o possessivo pré-nominal. Tal afirmação, no entanto, só poderia ser feita a partir da pesquisa de campo que se pretendeu.

Ainda que esta pesquisa não tenha sido concluída como o esperado devido a inviabilidade de aplicação dos testes, entendemos que algumas reflexões e caminhos foram propostos aqui. Um ponto importante, acreditamos, é não apenas olhar os possessivos determinantes e possessivos adjetivos, simplesmente, mas atentar-se às formas genitivas e predicativas, que parecem contribuir com o entendimento da aquisição dos possessivos. Assim, a revisão bibliográfica e a análise de transcrições podem auxiliar a embasar hipóteses de pesquisa que se debruçam sobre essa questão.

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, V. Aquisição de possessivos. *In: Cad. Est. Ling.* Campinas: 1999. p. 47-69. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637104>. Acesso em 05/10/2020.

FARIA, F. C. **Aspectos relevantes do possessivo no processo de aquisição do português brasileiro**. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2012. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF\\_8ab048a09e60840c0244e4947e7d3659](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_8ab048a09e60840c0244e4947e7d3659). Acesso em 05/10/2020.

FARIA, F. C.; NAME, M. C. L. O processo de aquisição de adjetivos e possessivos no PB. *In: VI Congresso Internacional da ABRALIN*, 2009, João Pessoa. Demerval da Hora (org). João Pessoa: Contexto, 2009, v.2. p. 3384-3391. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009\\_vol\\_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20FI%C3%A1via%20Carvalho%20Faria.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20FI%C3%A1via%20Carvalho%20Faria.pdf). Acesso em 05/10/2020.